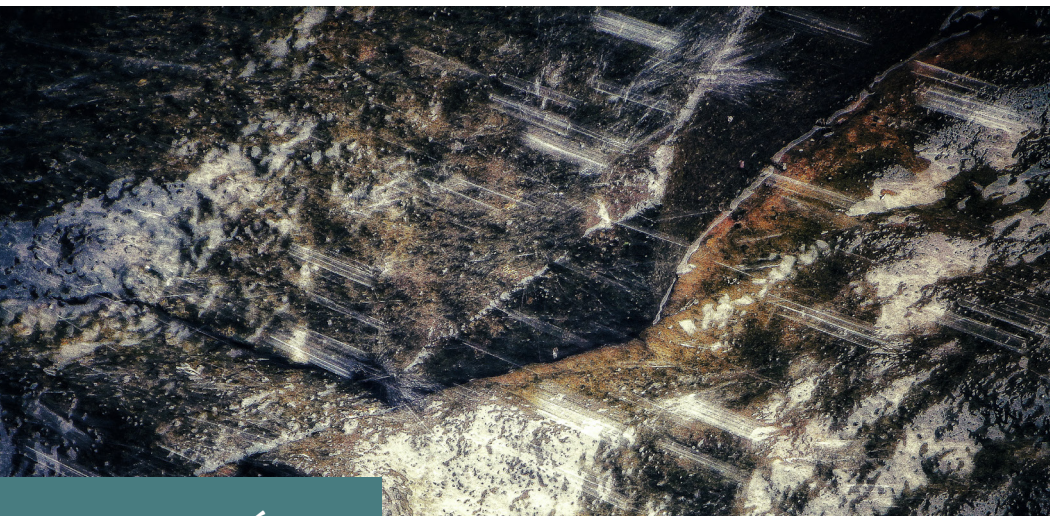


Adriana Maria Nagalli de Oliveira



PSICANÁLISE

O espelho partido

*Refrações da tolerância e da intolerância
no mundo contemporâneo*

Blucher

série Academia
de Psicanálise

O ESPELHO PARTIDO

*Refrações da tolerância e da intolerância
no mundo contemporâneo*

Adriana Maria Nagalli de Oliveira

O espelho partido: refrações da tolerância e da intolerância no mundo contemporâneo

© 2025 Adriana Maria Nagalli de Oliveira

Editora Edgard Blücher Ltda.

SÉRIE ACADEMIA DE PSICANÁLISE

COORDENADORA MARINA F. R. RIBEIRO

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenadora de produção Ana Cristina Garcia

Produção editorial Addressa Lira

Preparação de texto Ariana Corrêa

Diagramação Thaís Pereira

Revisão de texto Cristine Sakô

Capa Departamento de produção

Imagem da capa Patricia Fontoura Vidal

Blucher

Rua Pedrosa Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Oliveira, Adriana Maria Nagalli de

O espelho partido: refrações da tolerância e da intolerância no mundo contemporâneo / Adriana Maria Nagalli de Oliveira. – São Paulo : Blucher, 2025.

112 p. – (Série Academia de Psicanálise / coord. Marina F. R. Ribeiro)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2674-1 (Impresso)

ISBN 978-85-212-2675-8 (Eletrônico - Epub)

ISBN 978-85-212-2672-7 (Eletrônico - PDF)

1. Psicanálise. 2. Psicanálise e sociedade. 3. Refrações. 4. Intolerância. 5. Clínica psicanalítica. I. Título. II. Série. III. Ribeiro, Marina F. R.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

CDU 159.964.2

Dedicatória

Dedico este livro ao Dr. Roosevelt Cassorla, com carinho, um ser de alma profunda e sensibilidade singular. Como a música de Djavan que diz “nem que eu bebesse o mar encheria o que eu tenho de fundo”, assim foi o impacto que ele teve em minha vida. Conheci-o há mais de vinte anos, quando iniciei minha análise didática na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Desde o começo, ele me guiou com humor e humanidade, quebrando qualquer barreira de medo ou resistência que eu pudesse ter.

A análise com Roosevelt foi o ponto de partida para a descoberta da minha criatividade, a qual ele incentivou com paciência e sabedoria. Ele me mostrou, com suavidade e graça, que mesmo diante dos aspectos mais sombrios da mente humana, é possível encontrar uma forma de continuar. Seu olhar generoso sobre a destrutividade que existe dentro e fora de nós, e sua habilidade em ensinar a navegar por ela, me permitiram seguir com mais confiança.

Ao longo dos anos, a experiência com Roosevelt me ajudou a entender a importância dos limites, da tolerância e da aceitação das verdades, tanto minhas quanto dos outros. A vida, em sua complexidade, torna-se mais suportável e rica quando podemos compartilhar essas verdades com quem tem a capacidade de nos ouvir e entender.

É em homenagem a esse homem brilhante, que soube criar espaços de confiança e vínculos genuínos, que dedico este trabalho. Roosevelt, com sua humildade e gratidão, fez de sua vida um exemplo

de generosidade, sempre cercado de amigos e colegas, com quem compartilhou ideias e afeto.

Por tudo isso, é com profundo respeito e gratidão que faço essa dedicatória a Roosevelt Cassorla, cuja sabedoria e sensibilidade me guiaram a explorar novos mundos dentro de mim mesma.

Agradecimentos

“Os outros eu conheci por ocioso acaso. A ti vim encontrar porque era preciso”. (Guimarães Rosa)

Agradeço à minha família: José Roberto e André.

A Silvia, Carlos, Gustavo, Adriana, Luiz Claudio e Bella.

“Criar uma forma literária própria depende de vários fatores, mas nesse caso em especial, o fator foi vibrarem minhas asas”. (Adriana M. Nagalli de Oliveira)

Obrigada meus amigos: Luiz Arcurio Junior, Roseli Vernasque Bettini, Nelson Rocha e Vera Lucia Rocha, Vera Lamanno Adamo, Martha Prada e Silva.

Sorrio quando penso
Em que lugar da sala
Guardarás o meu verso.
Distanciado
Dos teus livros políticos?
Na primeira gaveta
Mais próxima à janela?
Tu sorris quando lês
Ou te cansas de ver
Tamanha perdição
Amorável centelha
No meu rosto maduro?
E te pareço bela
Ou apenas pareço
Mais poeta talvez
E menos séria?
O que pensa o homem
Do poeta? Que não há verdade
Na minha embriaguez
E que me preferes
Amiga mais pacífica
E menos aventura?
Que é de todo impossível
Guardar na tua sala
Vestígio passional
Da minha linguagem?
Eu te pareço louca?
Eu te pareço pura?
Eu te pareço moça?
Ou é mesmo verdade
Que nunca me soubeste?

Poema VII, *Júbilo, memória, noviciado
da paixão*, Hilda Hilst, 1974

Sobre a série

A *Série Academia de Psicanálise* visa promover um exercício de reflexão conceitual e clínico que apure os instrumentos técnicos do psicanalista, suas matrizes teóricas e clínicas.

A teoria do psicanalista faz parte do seu acervo consciente e inconsciente, precisa estar incorporada e esquecida, assim como os exercícios técnicos acadêmicos de um músico. Mesmo quando a teoria está ausente nos pensamentos conscientes do analista – e devem mesmo estar durante o seu exercício clínico –, elas constituem uma matriz, um campo psíquico, um continente metaforizante favorecedor do pensamento clínico psicanalítico. As teorias afinam a capacidade de observação do psicanalista, assim como um músico afina seu instrumento com seus exercícios de técnica. A mente do analista é seu instrumento de trabalho, que desafina ao longo dos atendimentos, ao longo do que é vivido a partir do sofrimento humano ao qual o psicanalista é exposto nos diversos contextos clínicos atuais. O exercício de elucidação teórica seria uma das maneiras de o psicanalista afinar seu instrumento nos momentos em que não está exercendo sua função clínica, utilizando-se de conceitos na sua reflexão e apurando sua capacidade de observação. Trata-se de um tipo de academia para o psicanalista, um treino de hipóteses, que o prepara para o seu trabalho clínico, afinando seu instrumento de observação: sua mente.

A teoria pode exercer, então, uma função de continência para o psicanalista, em constantes turbulências geradas nos atendimentos clínicos dentro de uma vasta gama de possibilidades de escuta

psicanalítica. A reflexão teórica por meio da sistematização de um texto, compreendido como um continente metaforizante para o psicanalista, onde quer que ele exerça o seu pensamento psicanalítico, tem a função de buscar um sentido para as diversas formas de sofrimento humano na contemporaneidade.

A expressão “clínica” é compreendida no seu aspecto amplo, como pensamento clínico, ou seja, nessa compreensão está incluída tanto a clínica do psicanalista e seu paciente, como a clínica ampliada, que implica o exercício da escuta psicanalítica em diversos e diferentes contextos. Além disso, a psicanálise contemporânea enquanto teoria tem se expandido em diálogo e reciprocidade constante com o exercício clínico.

Pensamos que esse modo de entender as investigações em psicanálise se aplica tanto à pesquisa derivada diretamente de uma experiência clínica, quanto aos estudos no contexto da clínica ampliada, incluindo as chamadas pesquisas bibliográficas ou conceituais. Dentro dessas possibilidades, o que vai realmente se tornar o objeto de pesquisa é um fragmento derivado da experiência, a partir de uma variedade de situações nas quais o psicanalista está envolvido. Trata-se sempre de como determinada experiência, seja de escuta clínica, seja de leitura de um texto, afetou o pesquisador-psicanalista, tornando-se não apenas um fragmento clínico ou teórico a ser investigado, mas o que podemos chamar de um fragmento intersubjetivo.

Freud (1937) escreve que “sem especular e teorizar – quase digo: fantasiar – de maneira metapsicológica, não avançamos um passo”; esta frase representa, nas mais simples – e talvez despretensiosas – palavras, nossa inspiração para a Série Academia de Psicanálise.

Marina F. R. Ribeiro
Coordenadora da série

Conteúdo

Prefácio	13
<i>Vera Lamanno-Adamo</i>	
1. As múltiplas faces da intolerância	17
2. Raízes profundas: intolerância psíquica e barbárie	27
3. A marca do tempo: contribuições culturais	39
4. Espelhos da intolerância	61
5. Intolerância/tolerância, maldade/bondade	81
6. Estudo clínico: a complexidade da tolerância e intolerância na era contemporânea	95
7. Conclusão	109

Prefácio

*Vera Lamanno-Adamo*¹

Sob o título *O espelho partido*, Adriana se debruça sobre as refrações da tolerância e intolerância no mundo contemporâneo.

Por que considerar essa complexa problemática através de um espelho partido? Porque, nos diz Adriana: “diante de um espelho partido o reflexo não é apenas fragmentado: ele é plural. Cada pedaço oferece uma perspectiva distinta, um recorte de uma totalidade que jamais se refaz completamente”.

Sob o reflexo plural sustentado na ética da complexidade, uma ética que rejeita “respostas simplistas e soluções unidimensionais”, Adriana entrelaça a intolerância com vários outros fatores, o que, ao mesmo tempo, a diferencia e lhe dá força.

Em uma linguagem depurada, sem rebusque e bem próxima do leitor, Adriana inicia sua escrita buscando entender o que é intolerância, esse “fenômeno complexo e multifacetado”. Segue adiante trazendo uma discriminação entre intolerância e preconceito. Vai atrás das raízes profundas da intolerância psíquica e suas diferentes formas. Considera a intersecção da intolerância com a barbárie, o fascismo, o nazismo, o fanatismo. Analisa como a intolerância se infiltra nas diferenças socioeconômicas, de gênero e étnicas.

1 Psicanalista e escritora, autora de *Narciso sob tinta: fisgando o humano* (Blucher, 2023), entre outros livros. Membro efetivo e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Para tanto, Adriana se amparou em um vasto estudo proveniente não só da psicanálise, mas também da história, filosofia, sociologia e antropologia, salientando em todos os capítulos como a intolerância não é um fenômeno isolado e sim “um tecido emaranhado composto por fios históricos, sociais e emocionais”.

Explora as raízes profundas da intolerância desde o “narcisismo das pequenas diferenças” de Freud e sua relação com a pulsão de morte até as primeiras formações da mente discutidas por Bion. Ancorada em conceitos provenientes da sociologia, salienta como sociedades inteiras podem ser cooptadas e manipuladas para perpetuar atos de barbárie em nome da civilização.

Dando ênfase às contribuições culturais para a intolerância, discute como o Renascimento e o Iluminismo, ao mesmo tempo que marcaram uma transformação radical na cultura europeia, redescobrimo as tradições gregas e romanas, expandindo os horizontes artísticos e intelectuais e introduzindo ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, estabeleceram também as bases para formas mais sutis de intolerância.

Discute a complexidade do papel da mídia na propagação tanto da informação necessária para o desenvolvimento de um juízo crítico quanto para polarizar e amplificar discursos de ódio, reforçar estereótipo e propagar intolerância.

Ilustra um e outro conceito, uma e outra faceta da intolerância com acontecimentos de ontem e hoje e com filmes que nos ajudam a compreender o fenômeno que está considerando.

Por exemplo, ao refletir sobre como os meios de comunicação amplificam medos irracionais, Adriana traz os ataques de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, apontando como a mídia frequentemente destacou ameaças terroristas de forma sensacionalista, criando uma

percepção distorcida da realidade, gerando um clima de desconfiança e criando bodes expiatórios.

Ao trazer reflexões sobre a polarização ideológica e intolerância instrumentalizada, faz referência ao filme *Caçada ao outubro vermelho*. Uma película de 1990 na qual um submarino nuclear soviético é retratado como uma ameaça ao mundo ocidental. Uma trama que gira em torno de um comandante soviético desertor que planeja se render aos Estados Unidos, refletindo os temores e as paranoias de ambos os lados. Este e muitos outros filmes, nos diz Adriana, retratam os conflitos da Guerra Fria em cenários fictícios que influenciaram profundamente a percepção pública sobre a ameaça comunista e a legitimidade das ações do Ocidente.

Considerando a dialética maldade/bondade, Adriana comenta o filme *22 de maio*. Trata-se de um atentado terrorista em um shopping belga, onde um segurança, após o ataque, passa a refletir sobre a vida das vítimas e as suas próprias ações, e sublinha como a capacidade humana de transcender circunstâncias adversas por meio da empatia e do apoio mútuo revelam a complexidade e dualidade da natureza humana.

No penúltimo capítulo, encontramos o relato de três vinhetas clínicas: Clara aterrorizada com a ideia de ter algo vivo dentro dela. A ideia de uma nova vida dentro de si despertava nela ódio e terror; Marta trazia consigo uma dor inominável, a perda de seu filho por suicídio. Apresentava-se em sofrimento avassalador e, impossibilitada de confrontar a dor de frente, atacava a própria realidade, num ciclo de destruição psíquica, como forma de se defender do intolerável; Lenny, rapaz franzino e pálido e escondido sob o boné, após várias sessões em que se apresentou silencioso e desvitalizado, revelou que uma experiência o colocara cara a cara com a morte.

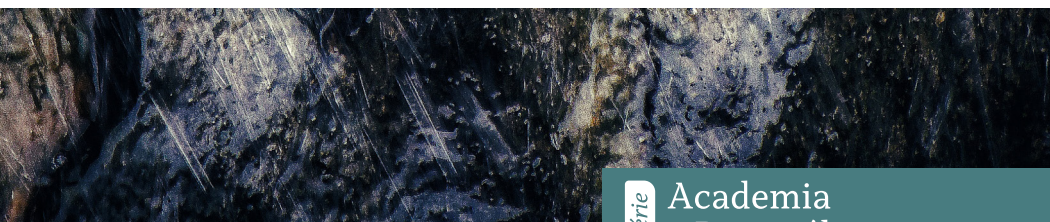
A partir dessas vinhetas clínicas, Adriana explora como o medo, o trauma e a impossibilidade de elaborar o sofrimento moldam comportamentos de intolerância não apenas ao outro, mas a si mesmos. Elucida também o potencial transformador de um processo de análise.

Tanto o leitor psicanalista como o leitor curioso e os estudiosos de humanidades em geral poderão desfrutar dos conteúdos apresentados, escritos em uma linguagem acessível e íntima.

Ao longo da leitura desta obra, entendi por que implico com assertivas como “fulano de tal é uma pessoa muito humana”, “o hospital oferece tratamento humanizado”, entre tantas outras que equacionam a natureza *sapiens* a um alto grau de respeito à dignidade alheia. A autora nos instiga a considerar nossa atávica propensão à intolerância. Antes mesmo de conhecer alguém (tarefa sempre nublada e incompleta), tendemos a idealizar ou... depreciar. Triunfamos sobre a alteridade que nos aflige, num ímpeto defensivo, atribuindo-lhe faltas e excessos. Irrompemos neste mundo tão precariamente e aqui vivemos sedentos de amor, por isso mesmo constituindo a espécie mais afeita a dogmatismos, a fanatismos, a racismos e a todas as formas de ataque às diferenças. Odiamos o que frustra nossas ânsias narcísicas.

Nunca perderá a importância um livro como este, que ilumina as feições da hostilidade, essa força psíquica destrutiva, às vezes sorrateira, e profundamente humana.

Carolina Scoz



série
Academia
de Psicanálise

COORD. MARINA F. R. RIBEIRO

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2674-1



9

7 8 8 5 2 1 2 2 6 7 4 1



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

O espelho partido

Refrações da tolerância e da intolerância
no mundo contemporâneo

Adriana Maria Nagalli de Oliveira

ISBN: 9788521226741

Páginas: 112

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
